

Carta do Património associado à Jeira

Amaro Carvalho da Silva

Texto publicado no mensário *Geresão – Gerês*, 20/7/2006, pp. 16 e 18.

Não será coerente nem rigoroso falar-se da via romana da Jeira sem a existência de uma carta ou inventário de todo o património que a ela está associado. Não se poderá ver a Jeira na sua dimensão mais abrangente sem a reunião de todos os elementos que a explicam, a contextualizam ou nos dão eco da sua importância. Questionemos: Que tipo de ecossistemas naturais percorre a Jeira? Que populações e que culturas existiam na área da Jeira antes da sua construção? Que tipo de domínio vieram impor os romanos? Que culturas e que bens circularam por essa via? Como foi mantida e que utilidade teve a Jeira depois da queda dos romanos? Quais os traços culturais e etnográficos mais característicos das populações que têm vivido na área da Jeira?

Pela sua excelência, estado de conservação e dimensão, a Jeira impõe-nos uma análise abrangente e sistemática. Porque condensa a história local de um modo sublime, nenhum elemento do seu processo histórico deverá ser menosprezado. Citando a Filosofia de Hegel – a Filosofia necessária para estes casos –, «Só o Todo é verdadeiro». O Todo, neste domínio, não deverá ser entendido apenas como a soma das partes constituintes – visão cartesiana –, mas, sobretudo, como a Totalidade do processo histórico que estabeleceu, afirmou e conservou a Jeira ao longo de várias etapas civilizacionais. E todas essas etapas estão presentes, em síntese, no estado actual desse monumento. A Jeira é um monumento aberto, plural, sintomático e simbólico.

A busca da verdade sobre essa via antiga – que continua contemporânea e ao serviço das populações locais – leva-nos a dimensões tais que necessitamos de conhecer o processo histórico universal e todo o património cultural das áreas por onde passa. Quer isto dizer que para classificarmos devidamente a Jeira e a afirmarmos como um objecto de contornos definidos teremos de, primeiramente, proceder ao levantamento de todo o património – natural, histórico, arqueológico, etnográfico, arquitectónico, religioso e espiritual – da área por onde passa. Ver a Jeira apenas como via romana é limitarmos a sua análise. Por outro lado, sem contexto nem adornos nenhuma jóia atinge a exceléncia do seu brilho e da sua riqueza. E diga-se que grande parte do património que se poderá associar à Jeira se encontra inédito e a merecer cuidados.



Foto: Alexandre Almendra

Miliário amortalhado sob um recente depósito de água no leito da Jeira – Cruzeiro de Sá – Covide (milha XXV)

Como estão as Cartas do Património dos municípios da Jeira? Quais os contornos e linhas mestras da política cultural desses municípios? Qual o comportamento e as atitudes dos organismos oficiais de defesa do património? Como está a ser defendido e valorizado o património já classificado? A classificação da Jeira como Monumento Nacional e da Humanidade é um capricho ou uma vontade clara de defesa do nosso património mais significativo e adopção de uma política cultural?

Uma Carta do Património não é apenas um inventário dos bens culturais de grande significado, seja para a freguesia ou mesmo para a Humanidade, mas também um conjunto de princípios e propósitos de preservação desses bens. Uma Carta do Património deverá transformar-se num instrumento privilegiado de salvaguarda e valorização dos monumentos inventariados; deverá obrigar os municípios a estabelecerem uma política cultural explícita e consequente; deverá propor à comunidade educativa um conjunto de procedimentos ligados ao estudo da memória, da identidade e das raízes; deverá permitir a todos os cidadãos uma consciência mais ilustrada sobre o seu património. Uma Carta deste género deverá significar uma viragem na política municipal quanto à gestão dos seus bens tendo em conta que não há desenvolvimento cultural, educativo, social e até económico sem a preservação do que de mais importante possuem as comunidades.

Adoptando-se critérios científicos explícitos e as mais recentes técnicas de registo, deverão inventariar-se todos os elementos culturais que as várias disciplinas de estudo e investigação considerem significativos. Diferentemente da inventariação, a classificação deverá ser aplicada a tudo o que seja importante para a memória e cidadania de toda a população, independentemente da localização, dimensão ou estado de conservação do monumento.

Em Terras de Bouro existe, já classificado como Monumento Nacional (MN) ou Imóvel de Interesse Público (IIP), o seguinte património: «Série Capela» dos miliários da Jeira (MN) por Decreto de 16/6/1910 (*Diário do Governo*, n.º 136, 23/6/1910); Cruzeiro de S. João do Campo (MN); via romana da Jeira (MN) classificada em 2002; castro romanizado de Calcedónia – Covide (IIP); Sepultura ou Campa do Frade (IIP); marco miliário de Covide – Campo (IIP); marco miliário (IIP). Em vias de classificação encontra-se a Estância Arqueológica do Chelo - «Povoado fortificado» (IIP) e a Estância Termal das Caldas do Gerês (Balneário e Colunata Honório de Lima). Em vias de classificação mas sem processo organizado encontra-se a via romana da Jeira como Património da Humanidade e a Casa do Passadiço de Covide como Património Municipal. Deve também referir-se que o património natural do Parque Nacional Peneda - Gerês já se deverá considerar classificado e protegido.

Para além deste património que já foi objecto de atenção e cuidados, muito outro existe que não se encontra inventariado, está inédito na sua grande maioria e exige uma atenção de salvaguarda pois está em vias de desaparecer. E sem património todos ficaremos mais pobres e privados dos nossos elementos de identificação. A título de ilustração, citemos, segundo os diversos domínios, algum do património, essencialmente de Terras de Bouro, que merece ser preservado e valorizado.

1 – Património Natural

Na constituição do Parque Nacional Peneda - Gerês está um rico património natural que é necessário identificar, estudar e defender. Caberá, portanto, ao PNPG essa missão tão importante e liderar todo o processo respeitante à inventariação, ao estudo e à preservação deste património.

1.1 - Ecológico e paisagístico

Nichos ecológicos ou habitats, trechos naturais, veigas (Covide e Campo), paisagens, miradouros e sítios panorâmicos. Os trilhos pedestres e equestres sairão muito beneficiados se souberem aproveitar este potencial natural.

1.2 - Geológico

Zonas de glaciar na cabeceira do Rio Homem, falha geológica do vale do Gerês – vale de Lobios, afloramentos graníticos, pegmatites graníticas, quartzos, volfrâmio e molibdénio (exploração mineira dos Carris), geomonumentos e topónimos geológicos, nascentes termais (Caldelas, Gerês e Rio Caldo) e fontes.

1.3 - Botânico

Em zona de grande pluviosidade, o património botânico é muito variado e rico. Muitos foram os botânicos que já se debruçaram sobre a Serra do Gerês. Algumas espécies são endémicas e de grande valor científico. Citemos só alguns exemplos: lírio do Gerês, feto do Gerês, teixo, azevinho, diversos tipos de carvalho e endemismos fitoclimáticos.

1.4 - Zoológico

Neste domínio também se encontram endemismos muito importantes: anfíbios, répteis e insectos. Os animais mais visíveis e emblemáticos são o corço, a águia-real, a cabra montês e o garrano.

1.5 - Produtos Naturais

Mel, plantas medicinais e comestíveis, plantas aromáticas e águas minero-medicinais.

2 – Património Histórico e Arqueológico

2.1 - Pré-histórico

A atestar a antiguidade da presença humana nestas terras, temos um património digno de realce que se encontra, em grande parte, inédito: antas (Santa Isabel do Monte, S. João do Campo, Covide), penedos insculturados (Santa Eufémia, Nobás e Rasto da Senhora em Covide, Penedo do Furadinho na Pedra Bela, ...), castro romanizado de Calcedónia, castro de Covide, etc.

2.2 - Romano

Todo este património está relacionado com a Jeira: traçado, miliários, edificações (*mutationes, mansiones*, pontes, muros de suporte, pedreiras e calçadas) e sítios arqueológicos (S. João do Campo, veiga de Santa Eufémia – Covide, Chãs de Vilar – Saim Velho e Pontido).

2.3 - Medieval

Castelo de Covide / Bouro, fojos de caça ao lobo, moinhos manuais, epígrafes medievais, etc.

2.4 - Moderno

Sistemas da defesa militar da fronteira com a Galiza (trincheiras, Casa da Guarda em S. João do Campo, ...), pontes do ribeiro Rodas, neveiro na Serra Amarela, etc.

2.5 - Contemporâneo

Escola de Latim de Covide do padre Jerónimo Gonçalves – parte desta casa já foi adquirida pelo Município para aí instalar uma estrutura de apoio ao estudo da Jeira –, Escola de Latim de Rio Caldo do Padre Bento Lopes, Fábrica de Vidros de Vilarinho da Furna, Minas dos Carris, ruínas do povoado de Vilarinho da Furna, etc.

3 – Património Arquitectónico

Núcleos habitacionais tradicionais (Santa Cruz da Jeira, Covide, S. João do Campo, ...), casas agro-pastoris tradicionais com seu desenho característico de dois pisos (estábulos no r/ch e habitação da família no 1.º andar) e rodeadas por eira e canastro, casas de valor histórico (Casa do Passadiço em Covide, Casa de Silvestre em Carvalheira, Casa de Araújo / Seara em Rio Caldo, Casa do Bárrio em Chorense, Casa da Pena em S. João da Balança, ...), etc.

4 – Património Etnográfico

O espólio etnográfico encontra-se espalhado por todo o lado e constitui uma marca da adaptação telúrica das populações à zona montanhosa e agreste em economia de subsistência. O acervo do Museu de Vilarinho da Furna é um bom exemplo. Citemos o património ligado ao pastoreio (currais e fornos / cabanas dos pastores, acordos de vizinhos e regulamentos das vezeiras), às actividades agrícolas (casas tradicionais agrícolas, alfaias agrícolas, carro de bois, levadas e poças de rega, ...), à pequena indústria (canastros, lagares de azeite, moinhos, fulões, colmeais, ...), às culturas (erva, milho, linho, centeio, carvalho, castanheiro – soutos, ...), aos sítios de interesse histórico - etnográfico e a outros domínios da expressão humana local (trajo de linho e de lã, gastronomia, cantoriano, tradições e costumes populares, ...). Deve salientar-se a concentração de canastros do centro histórico de Covide que se encontra na orla da veiga de Santa Eufémia e bordejando a Jeira.

5 – Património Religioso

Apesar de a Jeira ter trazido o cristianismo e os valores cristãos, não significa que tenha conseguido apagar todas as manifestações religiosas pré-cristãs. Veja-se a permanência do culto em torno do Penedo de Santa Eufémia em Covide e as reminiscências à volta de divindades locais (Ocaera e Nabia). Quanto ao património religioso activo poderemos citar: S. Bento da Porta Aberta, igrejas, ermida, capelas públicas e calvários, capelas de casas particulares, «Casa das Almas» de Covide, cruzeiros e alminhas.

6 – Património Espiritual e Axiológico

Não são património apenas as edificações materiais dos povos, mas também os seus traços mentais e espirituais, ideias, valores, sistema de crenças e força anímica. E diga-se que grande parte desse património veio pela Jeira. Por conseguinte, a Antropologia Cultural deverá ser uma disciplina a ter em conta para a inventariação e compreensão do património associado à Jeira. Comecemos por referir o trabalho de entreajuda ou comunitário (vezeiras, vessadas, malhadas, desfolhadas, espadeladas, carretas de mato ou lenha, ...), a partilha de propriedades e bens (monte, água, moinho, boi) e a «ética do cuidar» ou o zelo pelos seus parcos pertences como um dos traços fundamentais dos povos da área da Jeira e que levou alguns estudiosos a falarem de «comunitarismo». A hospitalidade – tão bem registada por Link sobre Vilarinho da Furna –, a simplicidade, a franqueza e o espírito solidário (por morte, doença, desgraça, parto ou casamento) e de partilha (matança do porco, folar, colheitas)

também como traços fundamentais das populações locais. Outros elementos definidores poderão ser apontados: a filosofia da reutilização e da reciclagem, própria de uma economia de subsistência, que se está a perder; a estreita ligação à natureza expressa no conhecimento de animais e plantas e na medicina tradicional, também em vias de extinção; a gastronomia e o sentido da mesa como lugar de encontro e de confraternização; uma sabedoria popular condensada em máximas, adágios e provérbios; a persistência e o voluntarismo expressos na fixação à sua terra e na fidelidade a uma missão ou propósito; o sentido de liberdade e da emancipação como elementos da sua metafísica; a capacidade de sofrer e de amar.

Uma Carta devidamente elaborada de Todo este Património será um modo muito eficaz de nos conhecermos, de nos valorizarmos e de nos estimarmos.

7 Julho 2006